



COBENGE 2005

XXXIII - Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia

"Promovendo e valorizando a engenharia em um cenário de constantes mudanças"

12 a 15 de setembro - Campina Grande Pb

Promoção/Organização: ABENGE/UFSC-UFPE

A LEITURA NA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Adriana Kuehn – akuehn@terra.com.br

Universidade Regional de Blumenau

Endereço Rua Antonio da Veiga, nº140, Victor Konder - 89.037-001 – Blumenau- SC

Walter Antonio Bazzo – wbazzo@emc.ufsc.br

Universidade de Federal de Santa Catarina, Departamento de Engenharia Mecânica

Endereço – Campus Universitário – Trindade - 88.040-900 – Florianópolis – SC

***Resumo:** Neste trabalho procuramos levantar a importância da leitura na formação do engenheiro contemporâneo, principalmente como um caminho para inserir perturbações reflexivas e críticas na educação tecnológica que continua supervalorizando a técnica (o que é saudável) mas esquecendo completamente os enfoques mais humanos. Defendemos que ler é fundamental para aprender a aprender, estimular a lógica do pensar, além de transformar os leitores em cidadãos críticos e criativos. Partimos do ambiente universitário da FURB, onde, através de uma pesquisa identificamos e analisamos alguns dos hábitos de leitura dos acadêmicos de engenharia. Apresentamos, também, uma reflexão sobre como funciona o processo de leitura na maioria das escolas públicas brasileiras. E, por fim, destacamos a importância da redescoberta da leitura, através da inserção de um tempo real para esta prática na sala de aula. Acreditamos que este é um caminho que pode e deve ser trilhado para contribuir de forma efetiva na formação de engenheiros críticos e reflexivos, perante as novas tecnologias e suas implicações na sociedade.*

Palavras-chave: Educação tecnológica, Formação do engenheiro, Leitura

1.INTRODUÇÃO

A cada novo dia verificamos que a evolução tecnológica vem transformando drasticamente as relações de trabalho. Portanto as diversas profissões existentes, no mundo contemporâneo, procuram se adaptar a estas mudanças traçando as metas e as habilidades que os futuros profissionais terão que atingir e/ou possuir. Não é diferente na área tecnológica, onde existem preocupações com relação ao perfil “ideal” do engenheiro, questões estas que foram amplamente debatidas no último COBENGE 2004. Nas discussões levantadas, neste congresso, foi destacado que além da formação técnica, o engenheiro, deveria desenvolver as seguintes habilidades: criatividade, comunicação, trabalho em equipe, relações interpessoais, capacidade de decisão, autocontrole, iniciativa, ética e expressão oral.

As ideologias levantadas para o perfil do engenheiro contemporâneo, no COBENGE 2004, convergem com as bandeiras levantadas por Delors (1998), que estabelece os quatro pilares da educação contemporânea, assim divididos: aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer como aprendizagens indispensáveis que devem ser perseguidas de forma permanente pela política educacional mundial.

Dentro deste novo contexto o papel das instituições de ensino superior deveria ser repensado. É necessário que a estrutura universitária possibilite a síntese e a integração dos conhecimentos. Não se limitando apenas na técnica pela técnica, mas se focando em um ensino que propicie aprender a aprender e que também resgate a formação humanística que é indispensável para construir uma postura crítica e reflexiva, do jovem engenheiro, perante as novas tecnologias e suas aplicações junto à sociedade. O que temos visto são sempre denúncias destas falhas nos sistemas universitários, mas poucas ações concretas para seguir um novo rumo.

Nossa proposta aqui é colocar o ato de ler como um dos caminhos para atender esta nova postura profissional, acreditamos que o gosto pela leitura e a sua real efetivação são os primeiros passos para aprender a conhecer e compreender a humanidade, aprender a refletir e analisar, e por que não despertar a criatividade.

O trabalho foi concebido a partir das reflexões, dos autores, tendo como objeto de análise a Universidade Regional de Blumenau - FURB, aonde os alunos são provenientes na sua grande maioria de escolas públicas, estudam no período noturno e trabalham durante o dia.

O desafio aqui proposto é indicar alternativas para incentivar a leitura, tornando nossos jovens leitores maduros. Isto é a maturidade de leitor, construída ao longo da intimidade com muitos e muitos textos. Segundo Lajolo (1993) leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e das vidas.

2.A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

A evolução da tecnologia transformou a palavra falada na palavra escrita, foram séculos de produções literárias, e agora estamos na era da informação aonde tudo é visual, é dinâmico. O problema é que a televisão, ao contrário da palavra escrita, não vem contribuindo para formar uma sociedade crítica. Com exceção dos canais pagos, o que visualizamos a cada novo dia, nos meios de comunicação são cenas inusitadas que muitas vezes representam os reflexos da aplicação dos avanços da ciência e tecnologia na sociedade. Visualizamos o nosso planeta sendo devastado: nos oceanos o lixo, a pesca predatória; nas florestas a invasão das cidades; na sociedade a supremacia dos países desenvolvidos contrasta com a pobreza dos países subdesenvolvidos, pela fome, pela escassez dos recursos; a violência cada vez mais agonizante. Mas infelizmente estas notícias parecem ser confundidas como mais uma atração, mais um filme, poucos contestam, poucos discutem, e o tempo vai passando.

Além disto os meios de comunicação estimulam o consumo e a utilização de novas tecnologias. Esta apologia desenfreada ao desenvolvimento, sem a reflexão da repercussão de novas tecnologias ou sistemas na sociedade, vem transformando as gerações. Hoje quase todos reclamam da falta de tempo, pois a produção desenfreada, a redução de custos, a velocidade de informação, vem criando uma geração de profissionais cada vez mais competitivos, pressionados a fazer mais, em menos tempo, esvaecendo o compromisso que deveriam ter na utilização da tecnologia em busca de uma sociedade mais justa e com qualidade de vida. Nos dias de hoje parece que todas as paixões e desejos restringem-se ao consumo e isto é o fruto da alienação que os meios de comunicação perpetuam. Antigamente os desejos individuais eram esquecidos em favor das gerações futuras.

Será que como professores universitários podemos assumir uma posição de neutralidade diante desta constatação? Acreditamos que não. Defendemos que devemos contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária e para tanto precisamos encontrar caminhos para desenvolver e estimular, nos jovens acadêmicos, a capacidade de pensar, de

refletir sobre a repercussão de seus atos na sociedade. A redescoberta da leitura é com certeza um destes caminhos.

3.POR QUE O ACADÊMICO UNIVERSITÁRIO GERALMENTE NÃO GOSTA DE LER?

Para responder esta indagação faremos um breve retrospecto da leitura na escola brasileira. Tomaremos como ponto de partida uma pesquisa realizada com adolescentes de escolas públicas, aonde Silva (2001), levantou o número de livros lidos nos últimos seis anos por adolescentes e constatou que a grande maioria ficou em uma faixa de 1 a 10 livros. Este resultado revelou entre outros motivos a inexistência ou a precariedade de livros de leitura na escola, e a realidade de como tem sido construído o despertar da leitura nestas instituições. Buscando compreender o por que deste número tão pequeno de livros lidos em seis anos, a pesquisadora coletou as justificativas dos adolescentes. Quando questionados sobre a razão deste desinteresse, os motivos mais freqüentes foram os destacados no Quadro 1:

Quadro1 – Principais motivos do desinteresse pelos livros.

- Temos que ler o livro para responder a ficha de leitura;
- Não podemos escolher qual livro ler na escola, pois o professor escolhe o que ele acha mais adequado;
- Os professores não aceitam sugestões de leitura, tem que dançar conforme a dança deles;
- Não podemos escolher os livros pois escolheríamos livros estrangeiros e a aula é de literatura brasileira;
- Todos lêem o mesmo livro porque é para a prova e a professora faz somente a prova do livro que ela escolher.
- O professor não deixa ler tal livro pois ainda não é para minha idade? (Como ele sabe?)

Com as afirmativas aqui expostas podemos visualizar claramente que a prática de “incentivo à leitura” comumente utilizada nas escolas transforma a leitura em mais uma obrigação, uma etapa amarga a cumprir. O que é muito grave principalmente para os alunos de classe mais baixa que geralmente só tem oportunidade de ler os livros da biblioteca escolar e como, na maioria das vezes, são os professores que escolhem os livros da biblioteca, geralmente tem-se a disposição somente autores clássicos para a leitura. Não que estes livros não sejam importantes, mas com certeza é mais fácil instigar o gosto da leitura partindo dos desejos individuais de cada aluno. Conclui-se, portanto, que um dos principais motivos pelo qual os nossos acadêmicos estão desmotivados com relação à leitura, está relacionado com os reflexos desta prática comumente aplicada nas escolas brasileiras.

O mais interessante é que se analisarmos a pesquisa veremos que o professor tem em suas mãos a possibilidade de tornar o ato de ler um momento prazeroso. Ele tem esta autonomia pois é ele que coordena as atividades quando a porta da sala de aula é fechada, independente da política educacional da escola, da cidade ou do país, hoje o professor ainda pode decidir qual caminho irá percorrer. Então por que o processo de não evolui? Talvez porque o professor não goste de ler, não tenha descoberto o prazer na leitura ou ainda nunca tenha refletido sobre a prática que vem adotando na sala de aula.

Outro aspecto a ser levantado é a perpetuação de um ciclo fechado isto é: alunos de classes mais baixas não têm livros em casa e geralmente os pais também não incentivam a leitura por desconhecerem sua importância, serão também um dia pais que manterão esta postura, se nada for alterado. Por outro lado se a universidade conseguir quebrar este ciclo,

instigando e incentivando a leitura quantos novos pais apaixonados por livros teremos? Ou ainda, quantos novos professores ávidos por leitura estaríamos formando?

Entretanto, para quebrar este paradigma não podemos desconsiderar, como professores universitários, o nível cultural com que o aluno chega à universidade. É importante que o professor assim como um médico saiba diagnosticar quem são os seus alunos, quais são as suas dificuldades e necessidades. Senão estaremos trabalhando com um nível utópico e não com a realidade dos alunos que frequentam nossa instituição.

4.OS HÁBITOS DE LEITURA DOS ACADÊMICOS DA FURB

Quando visualizamos a leitura como um caminho que poderia provocar perturbações no ensino tecnológico, verificamos a necessidade de conhecer um pouco mais de perto os hábitos e a disponibilidade para ler dos alunos dos cursos de engenharia da FURB. Consideramos esta análise extremamente importante para saber como incentivar a leitura, pois somente assim saberemos, realmente, em que ponto o aluno está, e quais os procedimentos necessários para tornar efetiva esta prática.

Para tanto realizamos uma pesquisa conforme as perguntas apresentadas no Quadro 2, aonde foram entrevistados 250 alunos, do período noturno, do Centro de Ciências Tecnológicas (CCT) da instituição.

Quadro 2 – Pesquisa realizada com os alunos do CCT.

PESQUISA SOBRE O HÁBITO DA LEITURA DOS ACADÊMICOS DO CENTRO TECNOLÓGICO.			
1. Você gosta de ler?	<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não	
2. Qual é o seu estilo preferido de livro:	<input type="checkbox"/> romance	<input type="checkbox"/> auto-ajuda	<input type="checkbox"/> policial
	<input type="checkbox"/> suspense	<input type="checkbox"/> política	<input type="checkbox"/> história
	<input type="checkbox"/> sociologia	<input type="checkbox"/> técnico	<input type="checkbox"/> Outro: _____
3. Quantos livros você possui em sua casa:	_____		
4. Informe sua idade:	_____ anos		
5. Você trabalha	<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não	
6. Informe o número de horas trabalhadas por dia :	_____ horas/dia		
7. Há quantos anos você está na universidade:	_____anos		
8. Quantas horas por semana você disponibiliza para a leitura :	_____horas		
9. Quantos livros você leu no último ano:	_____		
10. Quantos livros você leu nos últimos 2 anos:	_____		
11. Quantos livros você leu nos últimos 5 anos:	_____		
12. Seus professores estimulam a leitura de livros?	<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não	

Os resultados obtidos com esta pesquisa foram:

- *Com relação à idade:*

49% dos alunos entrevistados têm idade entre 18 a 22 anos, 33% de 22 a 26 anos sendo 19% com idade superior a 26 anos.

- *Tempo que estão matriculados na universidade*

46% dos entrevistados estão na universidade há 2 anos ; 27% há 3 anos; 7% há um ano e acima de 3 anos 20%.

- *Trabalho*

98% dos entrevistados trabalham durante o dia, sendo a jornada de trabalho assim dividida: 77% dos alunos trabalham de 8 a 10 h/dia; 10% de 9 a 12 h/dia; 14% até 8 h/dia.

Figura 1 – Resumo das respostas das questões 1 e 12.

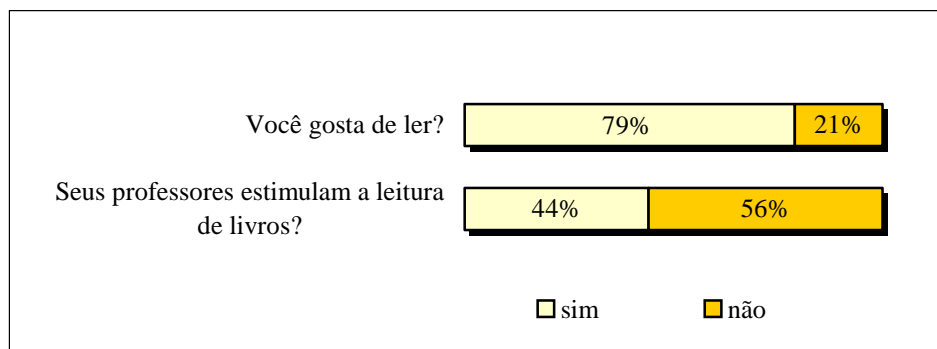
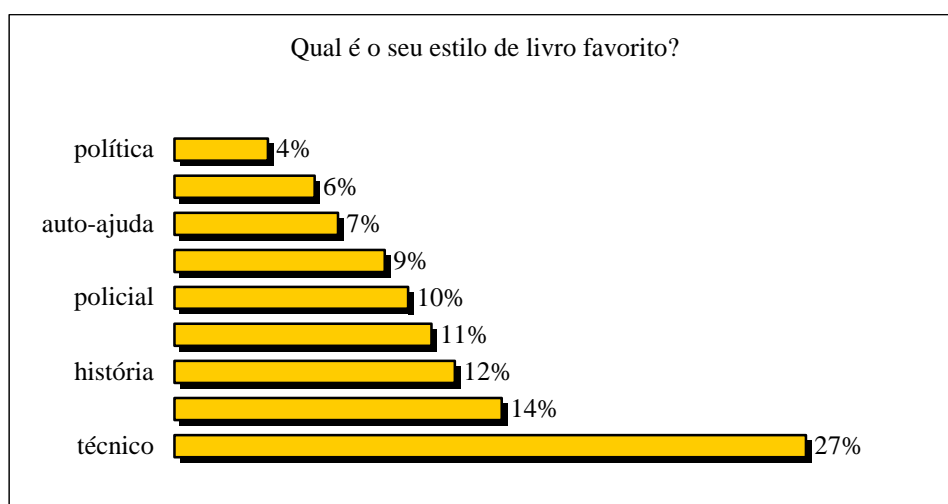


Figura 2 – Resumo das respostas da questão número 2.



Com relação à pesquisa obtivemos alguns dados interessantes. A grande maioria dos alunos, desta instituição, 82% tem idade de 18 a 26 anos. Apesar de 79% dos alunos

entrevistados responderem que gostam de ler (Figura 1), 70% do total de entrevistados leram até 3 livros no último ano ver Figura 5. Estes dados parecem um contra-senso, pois se gostam de ler por que leram tão poucos livros no último ano? Mas as respostas das perguntas 5 e 6 surgem como justificativa para os valores apresentados, pois 98% dos alunos trabalham, sendo que 86% destes trabalham mais de 8 horas por dia. Fazendo algumas pequenas contas temos: 1 dia de 24 horas, menos 8 horas de trabalho, menos 4 horas de aula na universidade, menos 3 horas de alimentação e deslocamento, menos 8 horas de sono, sobra 1 hora para o lazer. Será que sobra tempo para ler durante a semana? Mas e o final de semana? Esquecemos, no entanto, de um pequeno detalhe quando estes alunos estudam? Certamente nos finais de semana e na sala de aula.

Figura 3 - Resumo das respostas da questão 3.

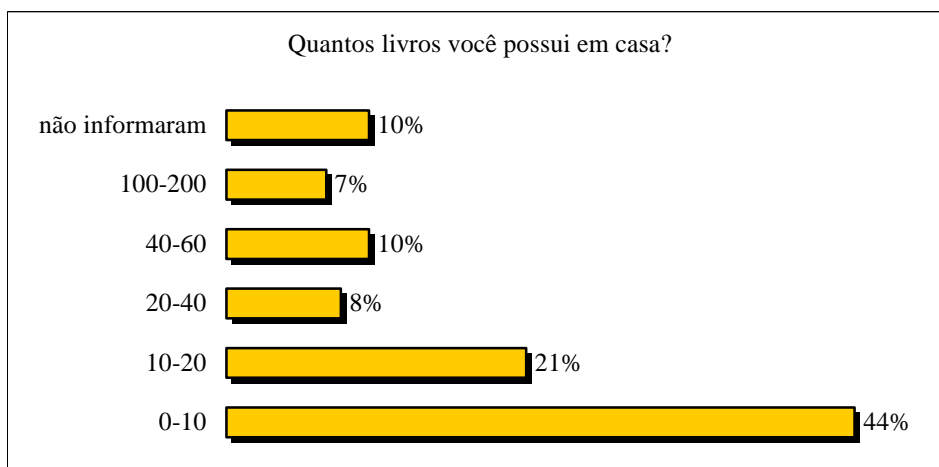
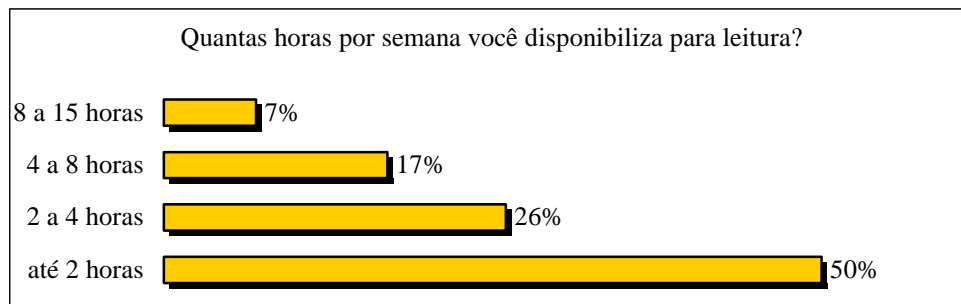


Figura 4 - Resumo das respostas da questão 8.



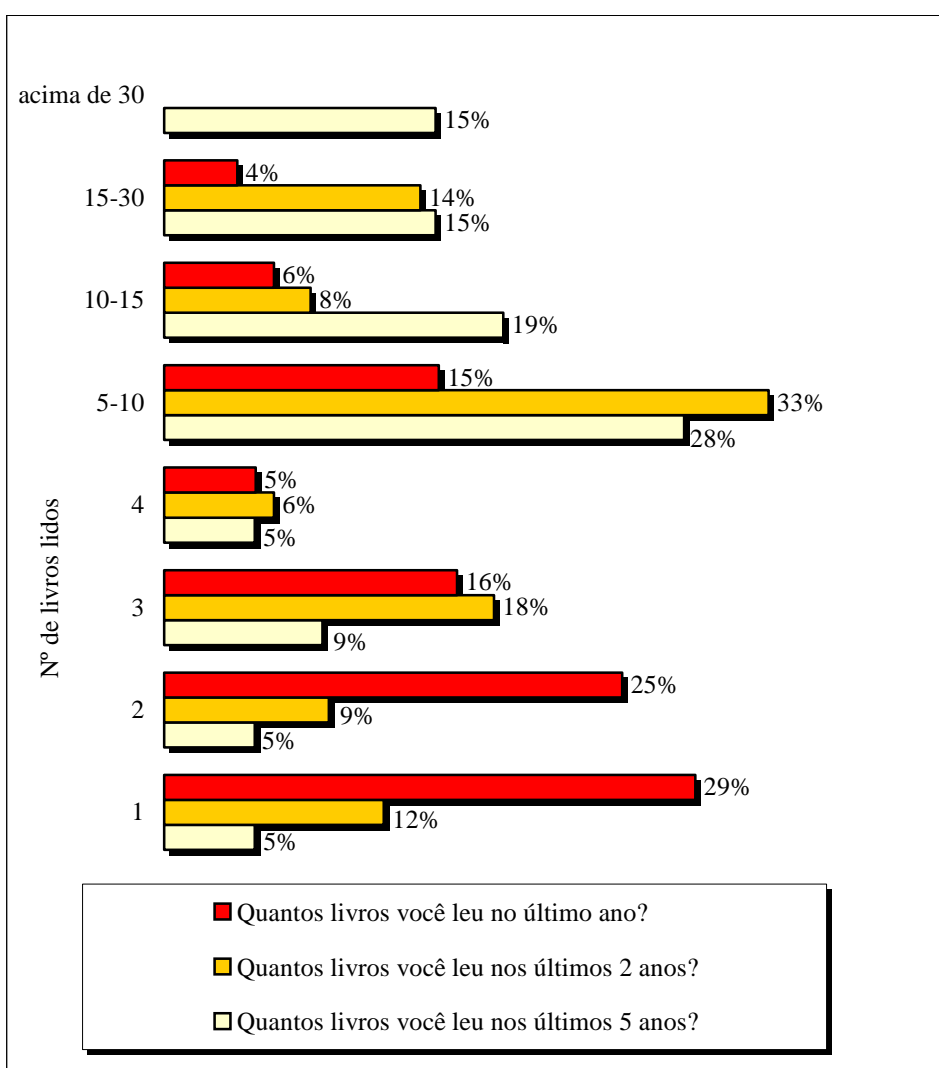
Com relação à pergunta: Quantas horas por semana você disponibiliza para leitura? (Figura 4), 50% dos entrevistados responderam até 2 horas por semana. Acreditamos que o aluno incluiu nesta resposta as horas que gasta para leitura de jornais, revistas, internet e para o estudo, pois se realmente utilizassem 2 horas por semana para leitura de livros ao final de 1 mês teriam lido no mínimo um livro. O que totalizaria em 12 livros por ano.

Apesar das perguntas, da pesquisa, serem objetivas alguns alunos justificaram suas respostas consideramos importante destacar as seguintes:

- ✓ Não leio livros mas leio revistas e jornais semanalmente;
- ✓ Só leio as páginas da internet;
- ✓ Vejo as informações na televisão;
- ✓ Não sobra tempo para ler livros, por causa do meu trabalho, o único material que leio são aqueles para estudar para as provas;
- ✓ Os professores somente incentivam a leitura de livros técnicos.

Estes depoimentos foram muito freqüentes na pesquisa, e retratam bem a nossa suposição da falta de hábito da leitura estar correlacionada com a jornada de trabalho do acadêmico. Outra constatação importante é que muitos dos entrevistados lêem revistas, jornais e acessam a internet, ou assistem a noticiários na televisão.

Figura 5 - Resumo das respostas das questões 9,10 e 11.



5. DESPERTANDO PARA A LEITURA

Pelos dados levantados observamos que a leitura não faz parte da rotina de nossos acadêmicos. Principalmente pela constatação do pequeno espaço de tempo que sobra para o ócio durante o dia-a-dia do acadêmico trabalhador. A pergunta é: podemos manter nossa neutralidade em relação a esta constatação de que o aluno não lê? Acreditamos que não. Precisamos reverter este quadro e criar espaços reais para que o aluno aprenda a gostar de ler dentro da universidade.

Mas como fazer com que nossos jovens aprendam a ler e a gostar de ler?

Vamos analisar o Quadro 2 que apresenta o que prescreve Freire (2003), sobre a leitura, em seu livro *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*.

Quadro 2 – Recomendações de Paulo Freire.

Veja só começar a ler um livro é uma tarefa dura, uma tarefa difícil. Não é fácil. Começar não é fácil. Para mim o que é fundamental no papel do professor e professora é ajudar o aluno e a aluna a descobrirem que dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria. É preciso que a leitura seja um ato de amor. Os alunos lêem, geralmente, porque são obrigados a ler tal texto ou livro, os professores agindo assim eliminam qualquer possibilidade de que seus alunos, gostem da leitura. E assim matam a criatividade de seus alunos.

A leitura assume um significado diferente para nós quando dela extraímos informações e idéias para resolver problemas reais de nossa vida. Nesta etapa não lemos somente para passar o tempo lemos por prazer. Começamos a ler as palavras mas também a ler o mundo. Talvez devêssemos colocar para os alunos pelo menos umas duas vezes por semestre, sobre como estudamos. Eu fazia isto com meus alunos e alunas nos cursos de *graduação*. Eu tinha o hábito de ler capítulos de livros com eles porque muitas vezes, a essa altura, eles não sabiam o que significava ler. Você tem que dar a seus alunos um depoimento sobre o que é ler um texto. Após um grande número de leituras começamos a decidir o que é ou não verdade, verdade para quem, para nós mesmos.

O livro passa a ser a ponte, passa a fazer conexões. Mesmo a poesia, o romance apesar de não trazerem conexões diretas com a realidade são fonte para a imaginação criativa, para evitar o exagero da praticidade.

Volto outra vez à questão da beleza e também à questão de manter o problema da beleza. Gostaria de dizer algo e talvez você concorde comigo. Sempre nos falamos, não é certo? Que a beleza na escrita é uma questão para a literatura. O cientista não é obrigado a perceber o momento estético da linguagem. Quanto mais o cientista escrever bonito, menos cientista ele ou ela é. Para mim isso não é verdade. Isso é um erro. Para mim o cientista que não é capaz de escrever de uma forma bonita minimiza sua ciência e cai numa mentira ideológica, segundo a qual os cientistas têm que escapar da beleza.

Digamos que a beleza e a simplicidade não são virtudes a ser cultivadas exclusivamente por literatos, mas também por cientistas. O cientista não é obrigado, pelo simples fato de ser cientista, a escrever mal. Essa é a razão pela qual sempre insisto em dizer a meus alunos e às minhas alunas que escrever bem não significa fraqueza científica. Ao contrário, é uma espécie de obrigação que temos. Escritores e escritas, sejam eles e elas cientistas ou filósofos, têm que facilitar a compreensão.

Neste relato, Freire, ressalta a importância do professor incentivar a leitura, através de depoimentos para seus educandos mostrando a sua evolução como leitor, e como que esta prática o ajudou a construir o conhecimento, e a querer compreender mais. Os alunos não vão acreditar na importância da leitura se não perceberem que o professor também lê.

Devemos mostrar para o acadêmico que existe uma grande diferença entre ler e realmente compreender o que está lendo. Expôr que a partir do momento que passamos a perceber o valor do livro, começamos a nos aprofundar nas leituras e em paralelo conseguimos enxergar novas realidades e entender melhor o mundo. Explicar que no início podemos até não relacionar os livros com a vida, com a realidade, podemos até não diferenciar um livro do outro, mas conforme avançamos nas leituras esta posição de neutralidade vai se transformando e a leitura começa a fazer sentido. E acima de tudo que a leitura rompe a alienação criando e recriando o pensamento.

Dentro da realidade dos alunos da FURB, que com certeza não é diferente das outras universidades que tem o mesmo perfil, precisamos “parar” e ensinar os nossos alunos a lerem um livro. Devemos tomar medidas que estimulem a leitura, e também proporcionar um tempo real de leitura dentro da sala de aula.

Uma proposta interessante seria inserir dentro de algumas disciplinas, inclusive as extremamente técnicas, um espaço para a leitura. Uma prática que pode funcionar é aquela que os alunos lêem um livro, ou um texto que depois será trabalhado dentro da sala de aula através de discussões, orientadas pelo professor, em torno do tema escolhido.

Nesta prática o aluno terá a possibilidade de compreender a importância da leitura na formulação de seus argumentos perante o grupo. Além de verificar que sua interpretação do texto pode ser diferente da interpretação dos colegas, ou ainda que ele poderá concordar ou não com o autor. Esta prática pode ainda contribuir para que o aluno perceba a relevância da leitura que segundo Lajolo (1992):

“Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relaciona-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. Portanto o leitor neste processo não é passivo, mas agente que busca significações.”

Esta proposta ainda não foi aplicada dentro da FURB, mas acreditamos ser um caminho que pode auxiliar na redescoberta da leitura pelos acadêmicos. Mas para que isto ocorra é necessário que o professor quebre alguns paradigmas já cristalizados no ensino tecnológico. Terá que ser forte para não desistir, pois continuar ensinando a técnica pela técnica é bem mais cômodo. Para ensinar o prazer da leitura ele precisa ter coragem para ousar e lutar para convencer seus alunos da importância do ato de ler e principalmente ter forças para conquistar novos simpatizantes.

Temos certeza que se não proporcionarmos momentos de leitura dentro da sala de aula, o livro ficará cada vez mais distante destes jovens. Continuaremos, assim, recebendo trabalhos oriundos do “copiar colar” com segmentos desconectamos, e argumentos impessoais. E acima de tudo não estaremos formando engenheiros aptos para o mercado de trabalho, que exige a capacidade de aprender a aprender frente à velocidade dos avanços tecnológicos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho levantamos a redescoberta da leitura como uma das formas de contribuir com a formação do engenheiro frente às exigências do mundo contemporâneo. Apresentamos o diagnóstico dos hábitos de leitura dos acadêmicos do curso de engenharia da FURB, que pode ser estendido a outras universidades com características semelhantes. Pelos dados levantados, na pesquisa, verificamos a importância de proporcionar um tempo real de leitura na sala de aula, pois o acadêmico não tem disponibilidade de leitura extra-classe.

Sendo importante destacar que ao analisar a pesquisa constatamos que não podemos, como professores, continuar ensinando sem realmente conhecer quem são nossos alunos, precisamos realmente conhecê-los para que nossa prática seja efetiva. De outra forma o diálogo pedagógico continuará sendo uma conversa de surdos. E estaremos correndo, constantemente, o risco de aplicar práticas inadequadas. Como por exemplo: se o aluno não lê por não ter tempo adianta fazer trabalhos de pesquisa fora dos horários de aula? É preciso partir da realidade do aluno ao planejar e avaliar nossas atividades. E isto só é possível se realmente conhecermos os alunos com os quais trabalhamos.

Outro aspecto importante com relação à leitura é que ela pode ser utilizada para provocar rupturas na postura positivista do ensino tecnológico, que continua privilegiando a acumulação de conteúdos como garantida de formação adequada. Esta postura, no entanto, contribui para limitar a criatividade e a curiosidade dos acadêmicos. Com certeza através do incentivo da leitura de livros não exclusivamente técnicos, e dos debates em sala de aula, estaremos rompendo a alienação e provocando reflexões em torno dos problemas contemporâneos, para desta forma criar e recriar o pensamento.

Acreditamos que para alterar o ensino de engenharia não é necessário esperar por novas políticas educacionais, por modificações em currículos, etc. Pois o professor tem uma infinidade de possibilidades, que podem ser utilizadas para promover pequenas mudanças no processo de ensino, e que com certeza contribuirão para alterar de forma significativa a postura dos futuros engenheiros frente à sociedade.

Entretanto, para isso, precisamos nos livrar das amarras que nos impedem de ousar, de refletir e modificar a nossa prática docente. E uma destas possibilidades com certeza é a redescoberta da leitura na universidade. Se ensinarmos a ler com compreensão e discernimento e a aprender a partir da leitura, ou até mesmo desaprender, no sentido de construir novos caminhos, estaremos fazendo com que o aluno desenvolva a lógica de pensar, estaremos criando condições para que ele possa construir o conhecimento de forma autônoma em uma multiplicidade de situações. Este não deveria ser o objetivo fundamental da educação tecnológica?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELORS, Jaques. **Educação :um tesouro a descobrir**. São Paulo. Editora Cortez, 1998.

FREIRE Paulo. **O caminho se faz caminhando :conversas sobre educação e mudança social**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes 2003.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre. RS. Editora Mediação, 2001.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, Ática, 1993.

PEREIRA, L.T.V., BAZZO, W.A., LINSINGEN, I.V. **Uma disciplina CTS para os cursos de engenharia.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE ENGENHARIA, 2000, Ouro Preto. COBENGE. Ouro Preto: ABENGE, 2000.

SILVA, Lilian. **O texto na sala de aula.** São Paulo. SP. Editora Ática, 2001.

THE ROLE OF READING IN TECHNOLOGICAL EDUCATION

***Abstract:** This work attempts to discuss the importance of reading in the education of contemporary engineers, mainly as a way of introducing some disturbance in technological education, which continues to overvalue the technique rather than human aspects. We argue that reading is fundamental for learning how to learn, stimulating the logic of thought, as well as making readers become critical and creative citizens. Some reading habits of engineering students from FURB were identified and analyzed by means of a survey. A reflexion on the reading process in most Brazilian public schools is also presented. Finally, the rediscovering of reading, through the dedication of some time for reading practices within the classroom, is emphasized. We believe that this course should be followed with a view to contributing effectively in the formation of critical and reflexive engineers, ready for the new technologies and their implications in society.*

***Key-words:** Technological Education, Engineering Formation, Reading.*